

HISTÓRIAS DO QUILOMBO VARGEM

COMUNIDADE CAFUNDÁ
ASTROGILDA



Este livro foi carinhosamente organizado por **Isabela Martins**.
Ilustração feita pelo talento de **Adilson Mesquita Júnior**
Histórias contadas por **Dona Dromice Lacerda, Dona**
Astrogilda Ferreira, Dona Maria Lúcia Mesquita,
Sandro Santos e Eleci de Lacerda



APRESENTAÇÃO

Quando pensamos na nossa infância no Quilombo Cafundá Astrogilda, lembramos de histórias bobas e com morais que determinam quem somos hoje.

É saber que uma história que se transfere para uma criança, faz ela ser um adulto diferente.

Saber que minha avó Conceição não estava mais aqui e que ela foi embora cedo me fazia questionar meu arranjo familiar. Minha mãe me contou que, quando ela ainda era uma neném (vovó faleceu quando minha mãe era recém-nascida), a bisá Laura lhe contou que a vó não morreu, mas se transformou num beija-flor. Assim que ela faleceu, um beija-flor entrou no bolso da camisa do meu tio e dessa forma ela continuou com a gente.

Saber que eu ainda cumprimento beija-flores na rua e ainda tenho a sensação de familiaridade me fez iniciar o livro. Saber que as histórias que me formaram como amante da natureza podem transformar mais crianças me faz feliz.

Todos amamos nossos anciãos e sentimos falta de todos que se foram. Espero que gostem das palavras de cada um deles e que se tornem um pouco parte da nossa família.

Boa Leitura!
Isabela Martins.







Sumário

1 A Senhora Pelucenta.....	6
2 A Gambá de ouro	9
3 Bom dia do Burro	11
4 Carregadora de Água	12
5 A caçada	14
6 Depois das 17h	18
7 O Homem do Dente de Ouro	20
8 Meu Marido é um Lobisomem	23
9 Quando Cristo peregrinava	25
10 O Canto do Diabo	27
11 Cinco Crianças Iluminadas.....	28



A SENHORA PELUCENTA

Por: Dromice Lacerda

Em uma vila no Rio de Janeiro, uma senhora ia à feira toda segunda-feira. Um belo dia, ela encontrou um rapaz de beleza singular e o convidou para jantar em sua casa naquela noite. Chegando em casa, a senhora deixou a cadela no quintal e foi preparar o jantar para o convidado. Depois de tudo pronto, ficou com a cadela até o horário do jantar.

Ao chegar ao portão, o rapaz gritou:
Senhora Pelucenta!

E a cadela respondeu:

– Não vem aqui, não

Nhanhá tá dormindo

Nhonnô que ninou.

O rapaz tornou a chamar e, novamente, a cadela respondeu:

– Não vem aqui não

Nhanhá tá dormindo

Nhonnô que ninou.

E assim foi todas as vezes que o rapaz a chamou naquela noite.

Na outra segunda-feira, ao ir à feira de manhã e encontrar o convidado, o questionou:

– Olá! Esperei-te na segunda-feira passada e não apareceu!

– Olá! Eu fui, mas a cadela me disse que a senhora estava dormindo.

Ao chegar em sua residência, pensou: “vou matar essa cachorra, porque toda vez que uma pessoa vem me visitar ela espanta”. E nesse mesmo dia ela matou a cadela e a enterrou no quintal. Ao chegar da noite, o rapaz foi visitá-la novamente e a cadela voltou a responder:

– Não vem aqui não

Nhanhá tá dormindo

Nhonnô que ninou.

Na semana seguinte, de volta à feira, ela o viu escolhendo frutas e o abordou com seus questionamentos:

– Olá! Esperei-te novamente e não apareceu!

– Olá! Eu fui, e a cadela me informou que a senhora estava dormindo.

Então, de volta à casa, desenterrou a cadela e a queimou deixando seus restos em cinzas. Ao chegar da noite com tudo pronto, esperou seu belo convidado.

O convidado chegou e chamou:

– Senhora Pelucenta!

E foi respondido por uma voz fraca ao fundo:

– Não vem aqui, não

Nhanhá tá dormindo

Nhonhô que ninou.

E novamente não teve seu grande jantar com o bem apessoado rapaz. Já cansada da intromissão da cadela até depois de morta, lavou todo o quintal para que nem cinzas restassem e convidou novamente o rapaz. Com toda a emoção do novo encontro, preparou-lhe a sua melhor refeição. Ao cair da noite, ele apareceu e bateu em sua porta chamando-lhe:

– Senhora Pelucenta!

Ela atendeu e o convidou para entrar. Ao chegar na residência, o rapaz se transformou num monstro, e ela com medo lhe fazia perguntas:

– Por que esse nariz tão grande?

E a fera respondia:

– É pra te cafungar.

Ela voltou a perguntar:

– Para que essa boca tão grande?

E a besta respondeu:

– É pra te jantar.

E ninguém nunca mais viu a Senhora Pelucenta.

MORAL DA ESTÓRIA:

a importância de não levar desconhecidos para casa ou sair sem conhecer uma pessoa, pois você não sabe as reais intenções delas. É bom lembrar que, naquela época, se tinha no país um clima austero com a ditadura militar, e no mundo com as outras ditaduras na América Latina além da guerra do Vietnã. O mundo era perigoso para qualquer pessoa, ainda mais para uma mulher que morava sozinha.

A história da senhora Pelucenta é uma das muitas que mostram o quanto de regras podem ser passadas pelas narrativas como: não falar com estranhos, não confiar em qualquer um e principalmente nunca achar que a beleza física é uma identidade de bondade.

A GAMBÁ DE OURO

Por: Eleci de Lacerda



Era uma vez, em uma floresta, um casal que necessitava de sua caça para se alimentar. Por isso, se tornaram muito bons em capturar animais. Um de seus favoritos eram os gambás, sendo eles do tamanho que fossem. De tanto caçá-los, certo dia os gambás da região se extinguiram. Ainda assim, a mulher tinha um desejo incontrollável de comer gambás. Neste dia, solicitou ao marido que lhe trouxesse um, nem que fosse um gambá de ouro.

Ao chegar à floresta, o homem se dispôs a montar a armadilha, esticar-lhe a corda e esperar o último animalzinho ser capturado. Quando isso aconteceu, ele logo o levou para casa e, muito feliz, sua esposa se empenhou em fazê-lo.

Quando a mulher começa a tirar o pelo do animal, ele começa a falar:

– *Corta devagarinho que dói, dói, dói, dói, dói, dói.*

E quando a mulher começa a cortar sua carne para fazer o ensopado, ele começa a falar:

– *Corta devagarinho que dói, dói, dói, dói, dói, dói.*

E quando a mulher lhe coloca no forno, ele fala:

– *Cozinha devagarinho que dói, dói, dói, dói, dói, dói.*





E quando ela se serve da carne do gambá, ele começa a falar:

– Mastiga devagarinho que dói, dói, dói, dói, dói, dói.

E quando estava satisfeita e decidiu descansar pela boa refeição que fez, uma voz vinda do interior da floresta diz:

– Meu filho, onde você está?

E o gambazinho responde:

– Estou na barriga de uma mulher.

E a barriga da mesma, a cada chamado do pai do animal vai crescendo, crescendo, crescendo até que explodiu e o gambá de ouro volta à floresta.

MORAL DA ESTÓRIA:

a caça predatória pode ser prejudicial à comunidade local. Como se trata de uma comunidade quilombola rural, o mais importante é a plantação, e não a caça de animais. Assim, os animais continuaram em abundância na região, trazendo caçadores e suas famílias e conseqüentemente os animais estão em extinção. Esta história nos fala para preservar os animais na floresta.

BOM DIA DO BURRO

Por: Eleci de Lacerda

Em um dia de Sexta-feira Santa, um jovem decidiu ir ver o bananal. A regra neste dia é ficar em casa, sem fazer nada e, mesmo com todos avisando que este dia era sagrado e que não devia quebrar as regras, ele decidiu que era só uma lenda de “gente da roça” e foi trabalhar.

Caminhando em seu sítio, foi alimentar seus animais, cavalos, burro, galinhas e etc. Passando pelo galinheiro, ouviu uma voz fina e sussurrada dizendo:

– Bom dia.

Continuou caminhando sem se estressar, afinal achava que de tanto ouvir contos acabou se impressionando com eles. Continuou a caminhar e, logo mais à frente, chegou ao curral onde estava seu único burro. Preparando o bicho para o início do trabalho, ouviu uma voz grave dizendo:

– Bom dia.

Assustado com o acontecido, o rapaz voltou à casa da mãe correndo dizendo:

– Mamãe! Mamãe! O burro me disse “Bom dia”.

– Viu!? Eu disse pra você que não era pra ir trabalhar em dia de Sexta-feira Santa.

E ele nunca mais foi visto, depois de voltar pra mata fechada.



MORAL DA ESTÓRIA:

respeitar os mais velhos, já que essa história foi criada/vivida em uma comunidade tradicional, onde os anciões estão no alto da hierarquia familiar.



CARREGADORA DE ÁGUA

Por: Eleci de Lacerda.

Nos anos de 1970 a 1975, como não havia água encanada, todos os afazeres domésticos que precisavam de água eram feitos no rio ou eram carregados em jarras para casa. Existiam duas casas no terreno, a da Dinda Laura e de sua filha Dromice, e entre elas existe um terreno enorme e sem muros. Para uma família assim, numerosa e dividida em duas casas, sem acesso a TV ou rádio, as histórias do dia-a-dia são muito importantes para o entretenimento. Com o objetivo de manter as crianças a salvo dos males noturnos, surgiu a lenda da carregadora de água.

Há dias se ouvia passos durante a noite, muito preocupados com a fuga de alguma criança ou a chegada de um invasor, um dos sobrinhos da dindinha decidiu se esconder do lado de fora para pegar esse invasor ou criança desobediente. Durante a tarde não aconteceu nada, e só ouviu passos ao longe. Desconfiado, decidiu seguir os passos que iam pelo caminho da roça. Ao longe viu uma silhueta diferente, uma jovem caminhava com um balde de água na cabeça, e ele disse:

– Senhorita, onde vai a essa hora?

Não obteve resposta, mas mesmo assim continuou seus questionamentos.

– Moça, você precisa de ajuda?

Sem resposta ainda, decidiu que alcançaria a jovem que andava muito rápido para quem estava com peso. Ao chegar perto, a puxou pelo braço e encontrou um rosto jovem com um buraco no lugar do nariz. Gritando e correndo para casa, o jovem sobrinho relatou o que ouviu e nunca mais se lembrou de nada.

MORAL DA ESTÓRIA: o lado espiritual dessa comunidade é muito forte e ainda hoje há quem diga que as almas dos nossos antepassados ainda caminham por aqui, a carregadora de água seria uma das nossas matriarcas que faleceu e ainda vinha cumprir suas obrigações sem perceber que já havia desencarnado. A história em si mostra que os questionamentos fora do que diz respeito a você, podem ser prejudiciais



A CAÇADA

Por: Maria Lúcia Mesquita

Era perto da Semana Santa e, como já era costume da região, ninguém podia caçar, só se caçava a partir de Sábado de Aleluia. Mas, em um dia de Sexta-feira Santa, um rapaz novo na região dizia que isso era uma lenda e que se podia sim caçar, que não aconteceria nada. Com a insistência do rapaz, a dona do sítio deixou.

– Eu já te avisei que no mato tem perigo e você vai se assombrar, disse a dona do sítio.

– Não tem assombração, e se aparecer alguma, eu rio dela.

Ele convidou outras pessoas, mas ninguém quis acompanhá-lo.

– Eu vou pra minha caçada, e amanhã eu trarei um bicho bem bonito pra vocês.

Ele foi para a floresta afirmando que traria o melhor e maior animal da floresta para casa. Chegando ao local de espera, ele preparou os cachorros os estumando a ir para a mata fechada e sentou na clareira esperando os latidos de aviso.

– Agora sim, eu irei pegar o melhor animal.

Ao estumar os cachorros, ele teve uma surpresa. Os animais que outrora eram ferozes e mortais, voltaram chorando aos seus pés.

– Vocês estão de brincadeira! Podem voltar pra lá e me trazer o maior animal dessa floresta.

Novamente seus cachorros foram e voltaram desolados.

– Vai! Vai! Vai! Podem buscar a minha caça.

E nesse exato momento, chegou um senhor perto dele, não se sabendo de onde surgiu, ele se senta na clareira também.

– Boa noite, moço!

– Boa noite! Da onde o senhor saiu? Não te vi chegar...

– Eu vim caçar também hoje, porque hoje eu vim pegar

o melhor bicho pra gente comer.

– Ah, sim! Eu já estumei meus cachorros, mas eles estão com medo.

– Não! Mas cachorro bom tenho eu, cachorro bom eu trouxe aqui.

Nesse momento, o senhor tirou dois cachorrinhos do bolso.

Senhor:

–Vamos Lá! Vamos Lá! Vamos Lá!

Assustado com o acontecimento, ele questionou o desconhecido.

Rapaz:

–Não acredito muito, já que os meus grandes estão com medo, imagina o seu desse tamaninho, eles não conseguirão caçar pois vão ficar com muito medo.

Os cachorrinhos foram para mata e com muita facilidade trouxeram um bicho enorme, com bastante carne. O rapaz mais assustado que antes, ainda tremendo:

– Mas, meu deus! Você trouxe esses bichinhos, e eles trouxeram esse animal desse tamanho.

– Né?! Eu não disse que eles iam pegar o maior bicho? E a gente vai comer ele aqui mesmo.

– Não! Mas, o senhor não vai matar e levar pra casa?

– Não! É aqui que a gente come, quando eu caço, eu como é na hora.

O rapaz sem forças para questionar, resolveu aguardar o que aconteceria. O senhor e os cachorrinhos mataram o bicho, e, sentado no chão, o desconhecido começou a descascar a própria perna, fez um espeto com o osso da perna.

Introduzindo no animal a perna-espeto a partir da boca. Com o cigarro que estava fumando, transformou uma moita em fogueira apenas com uma guimba. Com o fogo aceso, colocou a perna com o animal para tostar enquanto gargalhava. O rapaz chorava e orava para se salvar desse ser maligno que ali estava.

– *Vamos comer a caça!*

O rapaz não tinha mais voz.

– *Ué? Você está com medo de caçar? Manda seus cachorros!*

Os cachorros, por sua vez, estavam chorando escondidos atrás do dono. Quando o senhor acabou de assar o animal e começou a cortá-lo, o rapaz saiu correndo em direção ao sítio. Sem olhar para trás, só escutando as gargalhadas do mais velho.

Não sabendo como chegou em casa, foi encontrado por outros moradores do sítio quase desacordado e com falas desconectas. Contando à família o ocorrido, pediu perdão aos mais velhos por sua desobediência. Por além de ir caçar, debochar das tradições e lendas da região.

O rapaz nunca mais caçou na vida.

MORAL DA ESTÓRIA:

a história nos traz uma reflexão, que nem sempre a teimosia jovem é a mais inteligente a seguir. As vezes é importante dar passos curtos como um vovô. Esperar o dia seguinte não o deixaria sem ter o que comer mas mesmo assim ele quis desafiar as ordens.



DEPOIS DAS 17 HORAS

Por Eleci de Lacerda e Dinda Laura

Os adultos diziam sempre: “às 17h, todos devem estar de banho tomado e sentados à beira do fogão de lenha”, onde ouviam histórias do dia-a-dia, um momento de união familiar. Após as 18:30 eram finalizados os contos, e todos deveriam ir dormir, sem exceção.

Ao passar das 18h ninguém podia contar, brincar, assobiar ou sair de casa, porque se isso ocorresse, as bonecas ficavam conversando e o saci ficava a noite toda pulando pela casa, não deixando a vovó Laura dormir.

MORAL DA ESTÓRIA:

na época dessa história não existia luz elétrica e a querosene era a única coisa que se podia usar para ter luz após escurecer, como uma família numerosa e pobre não poderia sustentar um gasto além da conta. Essa história foi criada para as crianças dormirem cedo sem questionar.



O HOMEM DO DENTE DE OURO

Por Dromice Lacerda e Eleci de Lacerda

Há um tempo atrás, havia festas de família para que as meninas em idade de arrumar casamento achassem seus pares. Nessa família, tinha uma menina muito vaidosa e ambiciosa. Ela chegou à festa observando o ambiente e as pessoas, decidindo quem ela escolheria para se casar. Num instante, ela viu um rapaz bonito com um detalhe que chamava atenção: um dente de ouro puro.

– *Eu só vou namorar se for com o rapaz com o dente de ouro – disse a menina.*

Todas as outras meninas já tinham arrumado seus namorados, mas a menina ainda estava esperando o rapaz até o final da noite, reafirmando que só namoraria se fosse com ele. No final da festa, ele a chamou para dançar e ali começou um relacionamento.

Depois de um mês, eles se apaixonaram e se casaram. Sem se conhecer muito bem, resolveram depois do casamento ir morar na casa que ele já tinha. Feliz com o investimento, nossa menina imaginava cada noite uma casa diferente e dizia.

– *A casa do meu marido é grande e rodeada por girassóis.*

Mais uma noite se passava, e ela voltava a divagar.

– *A casa do meu marido tem cavalos e vacas.*

Parecia que nunca encontraria em seus pensamentos a casa ideal, com rosas nas sacadas — ou será que eram cravos? Tudo isso sem nunca ter passado perto dessa magnífica residência.

Com o passar dos dias, a imaginação só crescia o que já tinha sido pensado e sonhado. Chegou o grande dia de se mudarem para a nova casa deles, mas, ao chegar na casa, ela teve uma surpresa:

– *Marido, cadê os cavalos?*

– *Não há cavalos aqui.*

– *Marido, onde estão as rosas?*

– *Não há rosas aqui.*

Aos poucos iam adentrando a casa e os questionamentos continuavam:

- Marido, Onde está o sofá?
- Não temos sofá aqui.
- Marido, onde está a cama?
- Não há cama aqui.

A menina foi ficando assustada e intrigada por um homem tão apresentável não ter nada além da estrutura de uma casa: sem cavalos, rosas ou até mesmo uma cama. Ao passar dos dias nem comida havia na casa, então a jovem decidiu voltar a questionar o marido:

- Marido, onde está nossa comida?
- O marido sorria alegremente com seus dentes dourados.
- Marido, onde vamos dormir?

Novamente seus dentes apareceram.

Sem aguentar mais seus questionamentos sem resposta e seus meses de casada castigando sua beleza, ela retorna aos questionamentos e dessa vez mais firme.

- Por que toda vez que eu te faço uma pergunta você sorri?
- Porque você escolheu casar comigo pelos meus dentes, então quando você questiona algo eu os mostro pra você relembrar porque me escolheu.

MORAL DA ESTÓRIA:

não escolha por aparência ou bens materiais aquele que você dividirá a vida, pois uma vez casada, você terá que aguentá-lo por toda vida.

MEU MARIDO É UM LOBISOMEM

Por Eleci de Lacerda

Há um tempo atrás, chegou no povoado um homem muito bonito. Todas as mulheres da época queriam casar com ele. Ele por sua vez, se apaixonou por uma enfermeira com quem se encontrava todos os dias quando ia abrir sua loja. Depois de alguns meses, ele finalmente a chamou para sair e, desse dia em diante, eles se tornaram inseparáveis, a não ser durante uma semana em todos os meses, quando, além de ficar arisco, ele evitava estar com ela.

Nossa pequena enfermeira ignorou esse fato, se casando com ele após um ano de namoro, deste casamento tiveram um bebê. Com o nascimento do bebê, as semanas de lua cheia eram bem difíceis, pois a esposa era orientada por seu marido a ir dormir na casa da mãe.

Por um longo tempo, a esposa aguentou sem questionar os sumiços do companheiro, mas, quando o bebê fez um ano, ela decidiu que não ficaria mais com ele e que a partir dali moraria definitivamente com sua mãe.

Ao saber disso, nosso carpinteiro ficou muito triste e ia pedir todos os dias para sua esposa voltar para casa. Sabendo que a semana de lua cheia começaria, ele parou de ir à casa da sogra. Passados três dias, sua esposa sentiu sua falta e resolveu buscá-lo na loja no final da noite, já que durante essas semanas ele trabalhava até tarde.



Ao caminhar pela rua escura, ela escutava uivos e passos, e continuava andando, mais um uivo e apertava o passo. Por ser uma comunidade pequena e de interior, às 23h já estão todos dormindo, então, ela não tinha a quem recorrer.

Logo ela escutou passos pesados e rápidos atrás de si. Ao olhar para trás, viu um grande cachorro indo em sua direção. Sem escolha, ela, com o bebê no colo, subiu em uma árvore para se proteger. Ainda longe do monstro, ele tentava alcançar a ela e ao neném, conseguindo puxar a fralda que enrolava a criança.

Sem conseguir sair da situação, continuou na árvore até que a fera se afastou e foi embora. Na manhã seguinte, ela voltou para casa do marido, servindo o café e pensando na noite anterior, começou a notar que seu marido estava aéreo e observou que em seus dentes estavam os resquícios da fralda do neném.

A esposa assustada, pegou o bebê e fugiu.

MORAL DA ESTÓRIA: como reforço das histórias de obediência, também as de identificar o perigo e mostrar que a beleza pode esconder um monstro.

QUANDO CRISTO PEREGRINAVA

Por: Sandro Santos e Astrogilda Ferreira

Quando Cristo peregrinava pelo mundo junto com seus discípulos, em uma dessas viagens eles estavam cruzando o deserto para chegar em uma outra cidade. Ia junto com eles Pedro, por quem Cristo tinha muito carinho. Esse apóstolo sempre foi aquela pessoa meio que do contra, sempre duvidava um pouco do que Jesus Cristo falava.

Durante essa viagem, Jesus disse que cada um pegasse a pedra que conseguia carregar. Cada apóstolo pegou a pedra que conseguia levar, menos Pedro. Se achando muito esperto, ele decidiu pegar uma pedra minúscula.

Pensou Pedro: Ele disse uma pedra, mas não disse o tamanho. Continuaram caminhando, atravessando o deserto. Ao entardecer e ao chegar próximo à cidade Jesus falou:

- Irmãos, vamos nos reunir e passar a noite aqui.
- Senhor, o que vamos ceiar? Pensamos que íamos comer na cidade já que não trouxemos comida – disseram os discípulos.
- Não se preocupem. Coloquem aqui no meio a pedra que eu pedi pra vocês pegarem. Só tem uma regra, não podem dividir o pão com ninguém.

Cada um tirou sua pedra das bolsas e Pedro retirou sua mínima pedrinha do bolso. Todos se alimentaram bem e satisfeitos com sua alimentação, menos Pedro, que quis bancar o esperto. Ele pensou:

- É, dessa vez eu me ferrei, mas na próxima ele me paga.
- No dia seguinte, quando todos os apóstolos acordaram, Jesus disse:
- Irmãos, vamos caminhar que a cidade está próxima.
- Começaram a caminhar embaixo daquele sol escaldante. Num determinado momento da caminhada, Jesus falou:
- Irmãos, que cada um pegue uma pedra.
- E cada um novamente pegou uma pedra de podia carregar.
- É hoje agora ele me paga – pensou Pedro.

Pedro pegou uma pedra enorme, uma pedra gigante que mal o deixava andar. Todo mundo seguiu viagem carregando suas pedras, e ele vinha no final da fila tropeçando com aquela pedra enorme, enquanto pensava:

—Na hora que virar pão, eu vou comer bastante.

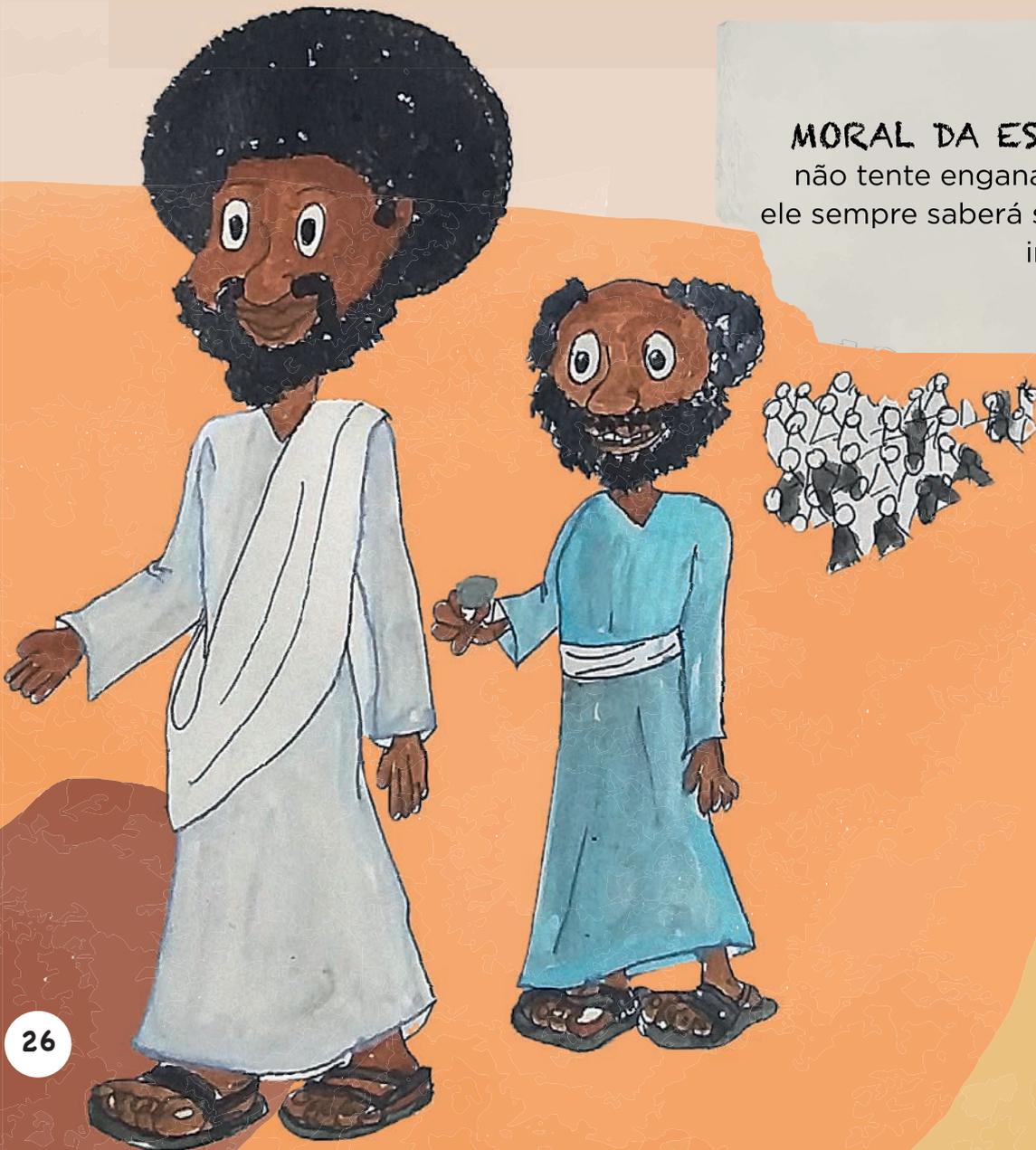
Depois de mais algumas horas de caminhada, eles avistaram a cidade, e na entrada da cidade tinha uma ponte. Jesus pediu para que todos parassem antes da ponte.

— Irmãos, eu pedi para que trouxessem pedras, e olhem o estado dessa ponte, esse buraco está enorme e está havendo muitos acidentes. Cada um jogue sua pedra no buraco, para tampar o buraco e acabar com os acidentes.

Então cada apóstolo jogou sua pedra no buraco, inclusive Pedro com aquela pedra enorme. E Pedro pensou:

— Caramba, ele realmente não tem jeito.

MORAL DA ESTÓRIA:
não tente enganar a Deus,
ele sempre saberá suas reais
intenções.



O CANTO DO DIABO

Por Eleci de Lacerda

Há muitos anos atrás, um senhor morava na floresta e toda noite ouvia uma voz ao longe:

– Foi, foi, foi.

Com receio de ser um estranho invadindo o terreno, foi conversar com os irmãos que tinham sítios ao redor.

– Nico, eu tenho escutado alguns sons à noite.

– Como seria esse som, Nono?

– É como se avisasse a morte, fica a noite toda cantando “foi, foi, foi”.

– A mamãe dizia pra não responder essa voz, é o diabo te chamando.

À noite, Nono voltou para casa e, ainda ouvindo esse canto, decidiu que iria matar o diabo! Pegou sua espingarda e pra cada canto deu um tiro.

– Foi, foi, foi...

– Eu vou te matar agora!

Bang, bang: a arma cantou no meio da noite.

– Foi, foi, foi.

Bang, bang: a arma cantava alto.

– Foi, foi, foi.

E o diabo respondia mais forte e mais perto. Depois da noite em claro, ele dormiu em paz por três dias. Ao final desses dias, o diabo cantou no pé do ouvido dele.

– Foi, foi, foi.

Nono morreu nessa noite, dizem até hoje que morreu pelo desafio ao diabo, e sua família ficou tão abalada que abandonou o sítio.

MORAL DA ESTÓRIA:

o canto diferente é de um pássaro de hábitos noturnos chamado urutau. A estória nos mostra que respeitar as vidas dos animais é tão importante quanto a do ser humano.





CINCO CRIANÇAS ILUMINADAS

Por Eleci de Lacerda

Da barriga da mãe nasceram cinco crianças brilhantes, sorridentes, bonitas e banhadas de uma luz sem precedentes. Ao longo do tempo, um dos bebês apresentou algumas dificuldades de aprendizado, e as outras quatro começaram a zombar desses problemas. A criança não entendia o motivo de tanto incômodo, então começou a ficar de *calundu, se comportando muito mal.

Seus irmãozinhos continuaram a distribuir ofensas e brincadeiras de mal gosto, com isso, sua luz foi diminuindo aos poucos. Com o passar dos anos, com as luzes quase inexistentes, a mãe decidiu conversar e explicar o significado da luz.

– Meus filhos! Me deixa muito triste saber que não mantiveram sua luz.

– Mamãe, Não sei como voltar a brilhar!

Mamãe: Vocês não poderiam ter feito o que fizeram. De vocês cinco, o que mais tem luz é seu irmão. As pessoas com deficiência não são motivo de piada, são indivíduos independentes e perfeitos como são! Não é porque você nunca teve dificuldades que você é melhor que alguém.

– Nos desculpe, mamãe!

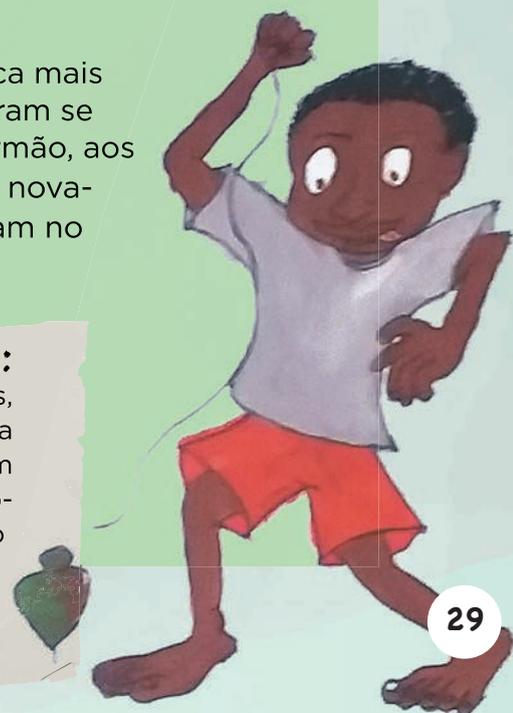
– Eu e seu irmão, perdoamos vocês, mas terão que mudar de comportamento. Para acender a luzinha, precisam ser bons e tratar as pessoas bem, porque quando fazemos maldades para outras pessoas, a nossa luzinha vai apagando, e conforme a nossa luz apaga, nem as pessoas da Terra podem nos enxergar, nem os deuses e anjos.

As crianças se arrependeram do que fizeram e nunca mais machucaram o coração de ninguém, aos poucos foram se desculpando e redimindo com seus colegas e seu irmão, aos quais fizeram muito mal. Sua luzinha foi acendendo novamente, e passaram a ser vistos por todos como eram no início.

MORAL DA ESTÓRIA:

nós viemos à Terra para amar e sermos amados, independente se a pessoa é portadora de deficiência ou não. O tipo de corpo, rosto e fala não deveriam ser motivos de chacota. Essa história tem como objetivo mostrar que, quando você machuca o coração do colega, quem está se perdendo é você mesmo.

*Calundu = Pirraça



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Histórias do Quilombo Vargem : Comunidade Cafundá Astrogilda /
[organização Isabela Martins ; ilustração Adilson Mesquita Júnior]. -- 1. ed.
-- Rio de Janeiro, RJ : AS-PTA Agricultura Familiar e Agroecologia, 2022.

Vários colaboradores.
ISBN 978-65-89039-15-0

1. Comunidade Cafundá Astrogilda - Rio de Janeiro - História
2. Contos - Literatura infantojuvenil 3. Quilombos - Brasil - História
I. Martins, Isabela. II. Mesquita Júnior, Adilson.

22-117058

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos : Literatura infantil 028.5
2. Contos : Literatura infantojuvenil 028.5z

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

Realizadores do livro Histórias do Quilombo Vargem: Comunidade Cafundá Astrogilda

Isabela Martins

Nascida e criada no quilombo Cafundá Astrogilda, é uma jovem de 22 anos Graduada em Biblioteconomia pela UFRJ, criativa e ligada às raízes. Com um olhar diferenciado, conseguiu unir histórias e estórias da comunidade que estavam esquecidas, resgatando conexões com os seus antecessores.

Adilson Mesquita Jr

Adilson Mesquita Junior, morador da comunidade Quilombola Cafundá Astrogilda na zona oeste do Rio de Janeiro, estudante de licenciatura em Educação do Campo na UFRRJ Seropédica.

Este material faz parte do Programa de Educação Ambiental e Combate ao Racismo para as Infâncias desenvolvido no âmbito da Comissão Pedagógica do Projeto Sertão Carioca: Conectando Cidade e Floresta em parceria com a Comunidade Quilombola Quilombo Cafundá Astrogilda. O projeto é executado pela AS-PTA, com patrocínio da Petrobras, por meio do Programa Petrobras Socioambiental.

Revisão de texto: **Gabriela Amorim**

Apoio editorial: **Bruna Távora, Caroline Santana e Ingrid Pena.**

Diagramação: **Taiane Brito**

Vargem Grande, Rio de Janeiro, 2022





REALIZAÇÃO



PROJETO
SERTÃO CARIOCA
CONECTANDO CIDADE E FLORESTA

PATROCÍNIO



ISBN 978-65-89039-15-0



9 786589 039150